

O “Discurso Verdadeiro” da persuasão: um olhar comparativo entre Platão e Górgias

RESUMO

O presente artigo procura apresentar em seus pontos principais uma análise comparativa do papel da persuasão para o *conhecimento verdadeiro* em Platão, e para a construção de um *discurso válido* em Górgias, destacando o quanto o aspecto ambíguo da constituição do *logos*, seja como discurso retórico-sofístico, ou como retórico-filosófico, já se compromete com a tentativa de persuadir o leitor, apresentando-se como um conhecimento válido. Vê-se que, seja em Platão, seja em Górgias, pode-se fazer um rico paralelo entre a ação do *logos* e o mundo das percepções sensíveis, exercendo o discurso persuasivo um influxo irresistível, modificando a alma em sua interioridade, revelando um aspecto dinâmico da filosofia nesses autores.

Palavras-chave: Platão; Górgias; Retórica; Verdade; Persuasão.

ABSTRACT

This article compares Plato's understanding of the role of persuasion to Gorgias' notion of valid speech. It highlights the fact that the constitution of *logos* is marked by ambiguity both in the rhetorical-philosophical discourse of Plato and in the rhetorical-sophistic discourse of Gorgias. Both Plato and Gorgias aim at convincing people that the arguments they propose are valid. All in all, it will be claimed that the way they relate the action of *logos* to the sensitive world of perceptions and to the interiority of the soul reveals the dynamic aspects of their philosophy.

Key words: Plato; Gorgias; Rhetoric; Truth; Persuasion.

* Mestrando em Filosofia, Universidade Federal do Ceará.

A iniciativa de apresentar em seus pontos principais uma análise comparativa do papel da persuasão para o *conhecimento verdadeiro* em Platão, e para a construção de um *discurso válido* em Górgias, vai além de tentar aproximar, sob alguns ângulos, dois pensadores tão diferentes; sobretudo, nossa proposta é destacar o quanto o aspecto ambíguo da constituição do *logos*, seja como discurso retórico-sofístico, ou como retórico-filosófico, já se compromete com a tentativa de persuadir o leitor, apresentando-se como um conhecimento válido. Em outras palavras, não será o sucesso ou o fracasso na tentativa de alcançar uma “verdade absoluta” que revelará a tensão própria da retórica platônica ou gorgiana, mas esta tensão dar-se-á nos próprios limites postos pela *linguagem* e pela *persuasão* na busca constante do ato de conhecer.

Segundo a estudiosa Bárbara Cassin, “A pretensão ao universal assinala uma relação com a *doxa*, e constitui o próprio da sofística para a *philosophia perennis*.”¹ O tema da ambigüidade da retórica que se apresenta como sofística, por um lado, e como filosofia, por outro, é ilustrado pela autora, no seu estudo comparativo dos diálogos platônicos *Górgias* e *Fedro*, donde ela encontra a retórica platônica sob suas facetas sofística e filosófica (dialética), respectivamente. Esta ambigüidade da retórica, segundo o retórico grego Élio Aristides (sec. II d.C.) em sua obra “Contra Platão”², torna-se uma via dupla, que pode nos apresentar, por um lado, uma retórica fracassada, pautada pelo deslizamento da dialética à sofística, reduzindo-se aos moldes pejorativos atuais, onde é possível relacionar retórica com conhecimento falso ou enganoso. Porém, por outro lado, há a reinvidicação da retórica como uma dupla superação do racional pelo razoável em que, de um lado, admite a paixão como um elemento intrínseco para a constituição do saber humano, e, por outro lado, a retórica se diz a própria filosofia.

Será essa mesma ambigüidade, onde retórica e filosofia, verdade e persuasão, que ora se distinguem, ora se confundem, o fio-condutor de nossa apresentação. Uma ambigüidade

que marca profundamente a natureza da persuasão como elemento constituinte do discurso, tornando-o não menos ambíguo, obrigando a filosofia a demarcar seu campo de atuação no seu constante processo de auto-conhecimento e no seu relacionamento com a verdade que é tenso porque mediado pela linguagem.

A intenção de Górgias com o *Encômio* é mostrar as possibilidades do discurso (*logos*), respeitando uma exposição lógica e bela. No fim de sua obra, confessa o caráter “lúdico” do discursar, onde designa seu *Encômio* como *paínnion* (jogo, brinquedo), onde a riqueza etimológica da língua grega nos mostra que a raiz *pais* (menino) é a mesma, por exemplo, de *paidéia* (educação). Seria uma forma divertida de ensinar?

Para a sofística de Górgias, o que importa é a ordem (*kosmos*), sendo a verdade apenas a ordem do discurso, assim como a beleza é do corpo, a sabedoria, da alma. A verdade enquanto *kosmos* do discurso (*logos*) aponta para a possibilidade de compreendermos a verdade como manifestação harmônica e bela do discurso (fim lógico-estético), sobrepondo-se a qualquer preocupação de ordem epistêmico-ontológica. Constata-se isso, no que Górgias indica por erro (*hamartía*) e ignorância (*hamathía*), quando se vai “censurar o louvável e louvar o censurável.” (EH, 1). Em outras palavras, não se pode precisar se o mestre de Leontini esteja alertando, em última análise, para um problema de *investigação conceitual* (abordando acerca da natureza ou do significado da palavra/conceito “erro” ou “ignorância”) ou apenas elaborando mais um jogo de palavras cujo impacto teria um compromisso com o *belo discurso*. Já Platão, no *Fedro*, combate o conhecimento da sofística que,

[...] tampouco precisa saber realmente o que é bom ou belo, bastando-lhe saber o que parece sê-lo, pois a persuasão se consegue não com a verdade, mas com o que aparenta ser verdade. (260a).

Como veremos, o que caracterizará a preocupação platônica no *Fedro*, será mais a forma de como se utilizará a *retórica* e a *per-*

¹ CASSIN, Bárbara. *O efeito sofístico*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Paulo Pinheiro. São Paulo: Edições 34, 2005, p. 151.

² Vide o estudo de Cassin sobre a citada obra de Aristides em seu livro “O efeito sofístico” cujas referências bibliográficas encontram-se acima mencionadas.

suasão na busca e na comunicação do conhecimento do que mesmo precisar o que seria de fato a Verdade. É o que se constata quando vemos Sócrates examinar se a retórica realmente é uma *techné*, uma "arte" tal como a pintura ou a aritmética. Ele alude à verdadeira retórica, à atitude persuasiva que constituirá parte integrante de qualquer arte, perdendo a retórica a condição de "arte independente", com um objeto de estudo específico, que a investigação socrática desconstruirá no decorrer do diálogo.

Portanto, negar que a retórica seja uma arte (*techné*) significa, em primeiro lugar, negar que exista uma "arte de persuadir" enquanto tal, distinta do conhecimento do objeto do qual vai persuadir; em segundo lugar, selar como privada de senso a pretensão dos logógrafos e sofistas, acreditando poder persuadir conhecendo somente a arte (inexistente) do "persuadir" mesma. Mas isto não implica numa reprovação nem na refutação da persuasão; pelo contrário, como afirma o prof. Franco Trabatonni, significa mostrar que a "[...] persuasão (e, portanto, a retórica) reveste um significado decisivo próprio do ponto de vista da filosofia."³

Ao justificar seus argumentos, Górgias faz a exaltação da *reflexão*, do *raciocínio* (enquanto construção, edificação do *logos*) (*subst. masc. logismós*) como condição de validade do discurso, mostrando a verdade, e revelando que a mentira/falsidade consiste na ignorância (EH, 2). Mais adiante em seu *Encômio*, Górgias usa o termo *táxis* (disposição, ordenação) para a estrutura de um discurso, termo que era muito utilizado na linguagem militar de sua época como estratégia (defesa ou ataque) do exército.

Isto nos leva a crer que Górgias poderia estar se referindo ao poder agonístico, persuasivo e belo que tem a verdade como elemento de discurso. Porém, tal verdade não é estática, prévia, já que o papel do belo discurso não é revelar o "sabido", mas trazer prazer com o advento do novo, dizer de forma diferente, levar à tona o não-esperado. Como afirma Górgias, "[...] pois o dizer aos que sabem aquilo que sabem tem seu crédito, mas prazer/gozo/satisfação (*téppsis*) não traz." (EH, 5)

Já no diálogo de Platão, a verdade ocupa uma função orientadora, transcendente, pois se exige o conhecimento da verdade para poder-se manipular os mais variados discursos. Como afirma a personagem Sócrates, "primeiro cumpre apreender a verdade e só depois se dedicar a esta prática [retórica]." (260d). Esta apreensão da verdade, entretanto, no *Fedro*, possui um aspecto, sob o nosso olhar, primordialmente metodológico. Ou seja, a intenção de Sócrates neste momento do diálogo é mostrar para seu interlocutor Fedro, o que significa a dialética enquanto método filosófico por excelência, conforme lemos nos passos 266c-d. O esforço de Platão será admitir, tal como citamos com Górgias, o aspecto criativo do discurso na sua pretensão de se tornar válido ou verdadeiro. Porém, em Platão, quem não conhecer a verdade (que deve ser apreendida antecipadamente), só alimentará opiniões, transformando a arte retórica numa coisa ridícula, num "instrumento de enganos e falsidades." (262c)

Será exatamente no momento de sua investigação acerca da natureza da arte retórica é que Platão, através de sua personagem Sócrates, definirá a retórica como *psicagogia*, como arte de conduzir as almas através das palavras, mediante o discurso (261b). No *Encômio* de Górgias, devido a sua característica divina, o discurso provoca efeitos de magia, sentimentos profundos e místicos, mas não menos contrários e paradoxais, "[o discurso] persuade e transforma a alma pelo enfeitamento." (EH, 10).

Como vemos, Górgias aponta para o poder de transformação da alma e não apenas seu arrebatamento diante da força do discurso. Para a profa. Maria José Vaz Pinto, em sua análise do texto de Górgias,

[...] o discurso (*logos*) atua sobre o ouvinte pela ilusão (*apaté*) e pela persuasão (*peithós*) e a alma é tanto mais influenciável quanto mais frágil são as opiniões e as crenças que dispõe. Assim, o *logos* incide sobre o plano das *doxai*, e a condição específica dos seres humanos está marcada pela contingência, pela incompletude das experiências e pelas limitações da memória.⁴

³ TRABATONNI, Franco. *Scrivere Nell'anima: verità, dialetticae persuasione in Platone*. Firenze: La nuova Itália Editrice, 1994, p. 53.

⁴ PINTO, Maria J. V. *Sofistas: testemunhos e fragmentos*. Tradução e notas de Ana Alexandre Alves de Sousa e Maria José Vaz Pinto. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005, p. 130.

No momento em que irá justificar a inocência de Helena por ter sido vítima do poder da persuasão humana, é possível encontrarmos no texto de Górgias uma importante referência à relação conflituosa entre o discurso e a alma humana. Platão, a partir do citado conceito de *psicagogia*, no *Fedro*, também irá tratar desta referência, abordando-a de maneira diversa, precisamente quando nos mostra

o delírio divino, a loucura da inspiração amorosa de Afrodite e de Eros que nos toca, ora fugindo, ora aproximando-se da verdade ao compor um discurso não totalmente isento de sentido. (265b-c).

Em Górgias, o *eros* também é representado aqui através do conflito de sentimento que invade a alma, levando as emoções a sobrepor-se aos raciocínios objetivos, para justificar a força persuasiva, além da força naturalmente divina, do Amor sobre a alma humana. Segundo ele, “[...] o amor e o desejo em muitas coisas e em muitos modelam acontecimentos e corpos.” (EH, 19).

Se em Platão a ambigüidade provocada pelo *eros* no discurso e, portanto, na filosofia fica, ao nosso olhar, implícita, em Górgias o *eros* revela claramente sua natureza ambígua: é divino (invencível, coercitivo) e persuasivo (como acaso, desventura, necessidade), neste último caso, mais próximo de uma doença ou um erro da mente do que por desígnios do conhecimento, da verdade, de preparações da técnica. (EH, 19)

Górgias faz uma constatação sobre o ato de modelar falsos discursos conseguir persuadir tantas almas em tantos assuntos, além de apontar sobre a condição da alma humana, marcada pela precariedade da memória e pela maioria dos homens tomar a opinião como conselheira, reconhecendo que a opinião (*doxa*) é vacilante, instável e escorregadia. Afirma que o poder da persuasão, associando-se ao discurso, forja a alma como quer (crença, que gera uma ação) e que também a força (explora a riqueza semântica da palavra grega que significa *coagir, obrigar* – verbo *anáknadzo*), comparando-se à necessidade (*anáнке*). (EH, 12-13)

Em Górgias é evidente a utilização da persuasão para os diversos discursos. Em seu texto, ele cita três casos: na opinião contra opinião (cotidiano), o discurso (judiciais e políti-

cos) escrito com arte/técnica (*téchei graphreís*) e não com verdade (*ouk aletheíai lechtheís*) (EH, 13), e dos debates filosóficos [erísticos] onde se destaca a rapidez de pensamento.

Já em Platão, após a proposta feita por Sócrates de um roteiro para a “correta aplicação” da verdadeira arte retórica (270b-271b), o último momento desta *didática socrática* consiste em ensinar

[...] qual a espécie de discurso necessário para persuadir cada alma [...] porque umas almas se deixam convencer por um gênero determinado, e, outras, se mantêm alheias às tentativas de persuasão. (271b).

Isso mostra que o próprio Platão admite a multiplicidade de discursos como meio de persuasão da multiformidade de almas que há no mundo. Admitir isto, entretanto, não significa negar o compromisso com a verdade, como identificamos em Górgias, mas a partir da apreensão da verdade pela dialética, chegar à alma humana, e não há outro meio humano senão pelo discurso e a persuasão como seu componente imprescindível.

Pode-se ilustrar em ambos os textos estudados, esta tensão verdade-persuasão na comparação feita tanto por Górgias como por Platão, do discurso (*logos*) como, *φα&ρμακον* carregando toda a ambigüidade da palavra (restabelecendo a saúde ou levando à morte). Para Górgias, o *logos* é para as diversas necessidades e disposições da alma, o que o remédio é para as diversas necessidades e disposições do corpo. (EH, 14). Em Platão, a comparação com a medicina que investiga a natureza do corpo, é feita com a retórica, que investiga a natureza da alma. (270b).

A ambigüidade da persuasão no discurso traz consigo uma íntima relação entre o plano sensorial e o plano da consciência, como sugere Górgias, entre a nossa visão e o que nos afeta a alma. No instante da representação visual, o sujeito é ator e não apenas espectador, pois tem sua alma afetada e, ao mesmo tempo, gerando impressões suscitadas pelo visível. “[...] o que vemos não tem a natureza que queremos, mas o que ocorre em cada caso.” (EH, 15). Em outras palavras, seja em Platão, seja em Górgias, pode-se fazer um rico paralelo entre a ação do *logos* e o mundo das per-

cepções sensíveis, exercendo o discurso persuasivo um influxo irresistível, modificando a alma em sua interioridade, revelando um aspecto dinâmico da filosofia nestes autores, abordado curiosamente ainda de maneira muito discreta.

Referências Bibliográficas

CASSIN, B. *O efeito sofístico*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Paulo Pinheiro. São Paulo: Edições. 34, 2005.

GÓRGIAS. ΓΟΡΓΙΟΥ ΕΛΕΝΗΣ ΕΓΚΛΜΙΟΝ. Frag. 11. *Musaios*, 2001.

PERELMAN, Chaïm. *Retóricas*. Tradução de Maria Emantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PINTO, Maria J. V. *Sofistas: testemunhos e fragmentos*. Tradução e notas de Ana Alexandre Alves de Sousa e Maria José Vaz Pinto. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.

PLATÃO. *Diálogos: Protágoras, Górgias, Banquete e Fedon*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: Ed. UFPA, 1980.

_____. *Fedro*. Tradução de Pinharanda Gomes. Lisboa: Guimarães Editores, Ltda., 1989.

REBOUL, O. *Introdução à retórica*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

TRABATONNI, Franco. *Scrivere Nell'anima: verità, dialetticae persuasione in Platone*. Firenze: La nuova Itália Editrice, 1994.